

Reportagem Cultural

ADRIANA CALCANHOTTO: 40 ANOS DE SURPRESAS

Juarez Fonseca, especial para JC

Agora no dia 1º de março, quando Adriana Calcanhotto esteve em Porto Alegre com a estreia brasileira de *Complexo B*, ao lado de José Miguel Wisnik e João Camarero, este repórter, que acompanha sua trajetória desde o comecinho, foi conversar com ela no camarim do Teatro Simões Lopes Neto. A ideia era fazer um resumo desse percurso que, considerando o primeiro show com produção profissional, completa 40 anos em 2026.

Antes, cabe situar o atual momento. *Complexo B* foi uma exposição de arte e cultura brasileira apresentada com sucesso em novembro de 2025 na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Wisnik, relevante professor da USP, pesquisador e compositor, foi um dos curadores. Considerou que cabia um espetáculo de música no projeto, entre outras coisas com canções letrando poetas brasileiros e lusitanos. E convidou Adriana.

Por que ela? Porque, desde o terceiro disco, de 1994, é uma das artistas brasileiras mais admiradas em Portugal. A coisa chegou a tal ponto que, em 2015, foi convidada a fazer um show para a Universidade de Coimbra. Depois a chamaram para dar *masterclasses* sobre composição

musical. Foi fazendo amigos entre os professores e os estudantes. E a nomearam Embaixadora da Universidade - que acaba de completar 736 anos!

Depois de *Complexo B*, Adriana diz que vai voltar a compor. O último álbum, *Errante*, saiu em 2023. “Eu não estava conseguindo compor. O pouco que saía, eu pensava: mas já fiz isso... Não ficava satisfeita. Achei que já tinha feito tudo o que podia fazer, fiquei meio triste com essa perspectiva, mas...”

E daí? “Na metade do ano passado larguei um pouco o violão e comecei a pegar umas batidas de rap, pré-gravadas, pra fazer rima. São outros caminhos harmônicos e aí faço melodias que não faria se ficasse dependendo da outra maneira de compor.” Então, podemos nos preparar para surpresas. O que, contraditoriamente, não surpreende, pois uma das marcas da carreira de Adriana sempre foi produzir novos trabalhos surpreendentes.

O segundo disco, *Senhas* (1992), é bem diferente do primeiro, *Enguiço* (1990), e o terceiro, *A Fábrica do Poema* (1994), idem. E assim por diante. Adquirindo potência, personalidade, as composições próprias cresciam. A cada novo trabalho agregava parceiros, músicos,

ideias de arranjos, influências de leituras - por exemplo, em certa altura mergulhou na poesia concretista dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos.

Atualmente, sua discografia tem 13 álbuns de estúdio (os três primeiros originalmente em LP, os demais em CD), seis ao vivo (um deles é *Loucura*, só com músicas de Lupicínio Rodrigues), quatro coletâneas e oito DVDs. Os campeões de vendas, ambos lançados em 2001, são o ao vivo *Público*, com 600 mil cópias, e a coletânea *Perfil*, com 500 mil. Os três discos de sua persona criança Adriana Partimpim venderam 465 mil. No total, são mais de 3,2 milhões de cópias - isso até o “fim” do disco físico...

O LP desaparece com a chegada do CD, na segunda metade da década de 1980. E o CD começa a sair de cena por volta de 2015, com a ascensão do *streaming* e da música digital. Muita gente tem voltado a comprar os dois formatos, que também voltaram a ser fabricados. Todos os álbuns físicos de Adriana estão na internet, por preços que vão de R\$ 90,00 a R\$ 400,00.

Mas Adriana nunca sumiu. Só no Spotify são 1,7 milhão de ouvintes mensais. Só os acessos aos sucessos *Devolva-me*, *Esquadros* e *Mentiras*, somam quase 170 milhões. Embora não

goste de ouvir música nas plataformas, Adriana pensa que a gravação digital é mais democrática. “Minha geração tinha que gravar em estúdios caríssimos e cheios de produtores. Hoje qualquer garoto faz um álbum em casa. Depois passa por uma peneira natural”.

E ela, lá no início, teria passado por alguma peneira? “Meus pais ficavam desesperados em ter uma filha de 16 anos que saía de noite para ouvir música nos bares e voltava de manhã. Achavam perigoso, definitivamente não era o que queriam para mim. (...) Cheguei a pensar em ser veterinária ou arquiteta, mas quando repeti pela quarta vez o primeiro ano do 2º grau, pensei: alguma coisa aqui está fora da ordem”.

(Os pais: Carlos Calcanhoto, conhecido baterista de jazz e bossa nova nas décadas de 1960 e 1970, também comerciante, falecido em 2016; e Morganda Cunha, bailarina clássica e professora de educação física, 91 anos - que foi assistir aos shows no Teatro Simões Lopes Neto.)

Segue Adriana: “Com 18 anos, decidi sair de casa. Nunca tinha trabalhado, não tinha como ganhar a vida, mas saí. Uma tia (que queria que eu fosse artista plástica) me ajudou e aluguei um apartamento

na Cidade Baixa. No térreo do edifício havia um bar, o Tigela de Barro, e lá comecei a cantar todas as noites. Como não tinha muito repertório, convidei amigos, deixava as pessoas darem canja. E o bar começou a encher por causa daquilo”.

Durante 1984 e parte de 1985, andou por vários bares da Cidade Baixa, até ancorar no Fazenda Artes, no Bom Fim, já com alguma composição própria. E os pais começaram a compreender a história. “Um dia, me disseram ‘olha, se for pra sair da noite, do circuito boêmio, e fazer um trabalho de cantora, de compositora, a gente vai te ajudar’. Isso foi muito importante para mim”.

Procurou o diretor de teatro Luciano Alabarse, cujo trabalho admirava. “Disse que meu sonho era que me ajudasse a fazer um show de verdade, que me dirigisse. E assim, no início de 1986, estreamos *Crepom* no Porto de Elis. Logo veio o primeiro show em teatro, no Câmara, *A Mulher do Pau Brasil*. Ainda em 1986, ao lado da Tânia Carvalho e da Annie Perec, fizemos *Sei Que Estou Errada*. Três fins de semana com duas sessões por noite no Porto de Elis. Eu nunca tinha cantado para tanta gente”.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Juca de Oliveira, um artista e cidadão

Lamentar a morte do ator, produtor e dramaturgo Juca de Oliveira se torna lugar comum e boa parte da mídia o fez, nestes últimos dias, desde o 21 de março passado. Ele quase chegou aos 90 anos de idade - mas o mais importante a se registrar, nesta coluna, é o seu papel e a sua importância no teatro brasileiro.

José Juca de Oliveira Santos começou a trabalhar desde os 12 anos, sendo sapateiro, auxiliar de farmácia, marceneiro, padeiro, motorista de caminhão, funcionário público e redator de publicidade. Estudou Direito, na USP, sem concluir o curso. Em 1958 ingressou na EAD - Escola de Arte Dramática da USP; três anos depois estreava em *A semente*, de Gianfrancesco Guarnieri, sob a direção de Flávio Rangel. No mesmo ano de 1961 interpretou o filho mais sonhador e idealizador do principal personagem (Willy) de *A morte do caixeiro viajante*, de Arthur Miller, ainda sob a direção de Flávio Rangel, e ganhava o prêmio Saci de melhor ator coadjuvante.

Juca de Oliveira escolheu não apenas uma carreira quanto uma militância. Ele se tornou um dos atores mais politizados e mais representativos da cultura brasileira, através dos personagens que viveu ao longo das décadas e culminando na dramaturgia por ele criada a partir de 1978, com *Baixa sociedade*.

Juca, natural da cidade interiorana de São Roque, assumiu plenamente suas raízes de caipira e carcamano, acrescentando, com o passar do tempo, a paisagem urbano-industrial, sempre sob uma perspectiva crítica, produzindo algumas das análises mais certeiras sobre os desvios da sociedade brasileira - quer em relação aos preconceitos raciais e sociais, quer à perda de valores morais e tradicionais familiares, quer, enfim, à corrupção que foi invadindo e se instalando em nossos meios industriais, comerciais e político-institucionais. Este olhar crítico, contudo, sempre foi traduzido por um viés da comédia inteligente e irônica. Daí o seu sucesso e a sua comunicabilidade:

de: mesmo aplicando um espelho frente à plateia que o assiste, ele brinca com as situações, de modo a tornar toleráveis as cenas que apresenta, com fidelidade absoluta e contundente, mas sem agredir ninguém. Como já defenderam aqueles primeiros comediógrafos, como Beaumarchais, seus textos mostram a culpa sem marginalizar os culpados, porque os desvios sociais e éticos abordados resultam não de falhas individuais e pessoais, mas sociais, da estrutura social em que se vive.

Alternando textos de dramaturgos internacionais com uma atenção especial à produção dramática nacional, como *O filho do cão*, de Guarnieri, *Um edifício chamado 200*, de Paulo Pontes, e *Corpo a corpo*, de Oduvaldo Viana Filho - o que culminaria na participação de filmes de longa metragem como *O caso dos Irmãos Naves* (Luiz Sergio Person, 1966) ou *À flor da pele*, de Francisco Ramalho Jr. (1975) - foi uma evolução coerente o surgimento de sua dramaturgia, a partir de *Baixa sociedade* (1978), *Meno male!* (1987), *Caixa dois* (1997) e *As favas com os escrúpulos* (2007). Certamente, se tivesse oportunidade, Juca de Oliveira estaria escrevendo algo a partir dos acontecimentos recentes, que envolvem o Banco Master e ministros do STF, além e deputados federais e senadores da República...

Mais que isso, Juca de Oliveira também teve militância sindical importante, o que evidencia ainda mais sua coerência. Entre 1968 a 1976 (quase dez difíceis anos, graças à ditadura) ele foi Presidente do Sindicato de Atores de São Paulo. Ou seja, nunca negou nem suas raízes, nem seus compromissos sociais, e por isso, tinha o respeito e o carinho da classe teatral do País inteiro.

Tive a oportunidade de me encontrar com Juca de Oliveira - eu repórter, ele ator - várias vezes. Guardo dele lembranças de admiração e de simpatia: falava simples, assim como escrevia. Tratava a todos de igual para igual, sem se isolar em torres de castelos. Neste sentido, não perdemos só um artista: perdemos um grande cidadão.

Juca de Oliveira nunca negou nem suas raízes, nem seus compromissos sociais, tendo o respeito de toda a classe artística

Lima Duarte comemora 96 anos com festa e vídeo

O ator Lima Duarte completou 96 anos no último dia 29, e comemorou seu aniversário com uma festa em família em um sítio no interior de São Paulo. Em seu perfil no Instagram, o artista compartilhou detalhes e fotos do evento, com direito a camisetas personalizadas e diferentes doces e bolos.

O que mais chamou atenção dos fãs do ator, no entanto, foi um vídeo publicado nas redes sociais de Duarte. Nele, o artista fala sobre seu envelhecimento e agradece pela sorte de "se manter lúcido".

No início da publicação, é possível ver imagens geradas por Inteligência Artificial em que Lima aparece comemorando 100 anos de idade. "Eu tenho visto por aí imagens minhas completando 100 anos, é uma tal de Inteligência Artificial. Eu já não consigo mais acompanhar os avanços da tecnologia como antes", afirmou o ator, desta vez sem o uso da tecnologia.

"Eu ainda não cheguei aos 100 anos, estou fazendo 96 anos", continuou. "Eu não estou ansioso para o meu centenário. Eu quero viver o mais devagar possível. Ao longo dos anos eu falei com muita gente sobre a minha trajetória, dos meus personagens, filmes, novelas em que atuei. Conteí várias histórias... mas desta vez eu quero falar sobre o presente, sobre quem eu sou agora: um velho Lima Duarte", afirmou.

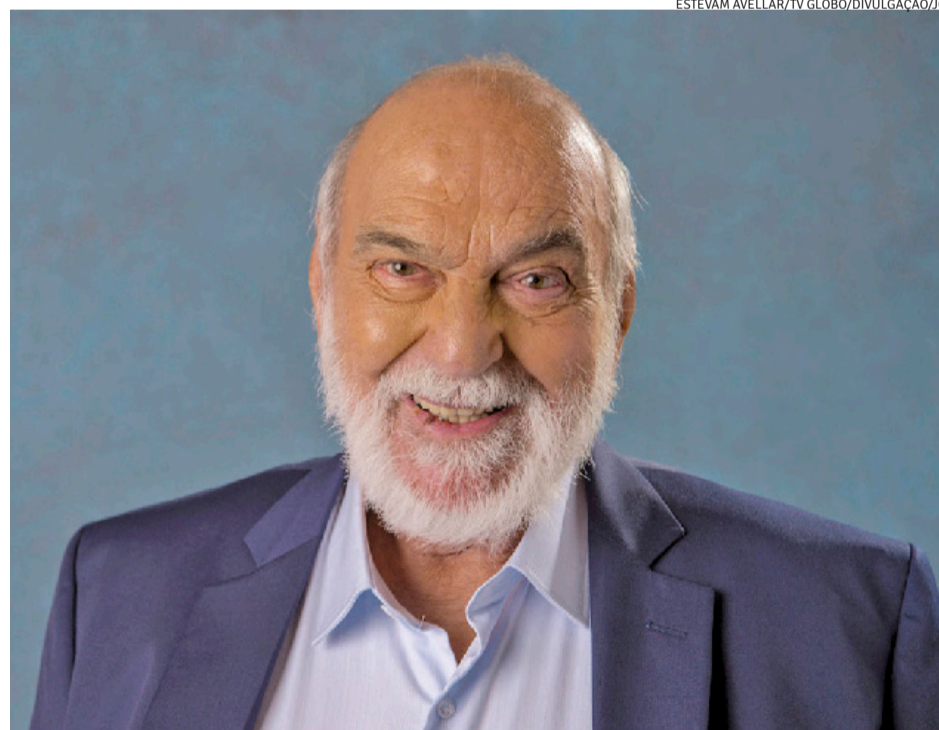
Para o ator, envelhecer com lucidez é um privilégio. "A vida me deu escolhas e só agora eu consigo ver com clareza quais escolhas eu fiz que me levaram a viver tudo o que eu vivi. Uma dessas escolhas foi ser ator. Um trabalho incrível, que me mostrou o mundo", pontuou.

O artista, no entanto, diz que sua vida não se resumiu somente ao trabalho. "Eu também vivi fora dos holofotes, experimentei grandes alegrias, tristezas profundas, tive medos enormes, e coragem ainda maior do que os medos. Mas foram os amores que me transformaram. Eu tive a felicidade enorme de amar e ser amado", disse.

Para Duarte, "envelhecer lúcido é poder ter a experiência humana completa". "É viver todas as fases da vida do começo ao fim, ser um ponto de vista que testemunhou ciclos e mudanças. Um ser que se adaptou a diferentes mundos por mais de nove décadas. Que sorte a minha ter saúde, lucidez, para agradecer a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada", contou o ator.

Por fim, o artista agradeceu o carinho do público ao longo das últimas décadas e brincou, dizendo que espera estar vivo para completar 100 anos em 2030 e assistir ao Brasil ser campeão da Copa do Mundo mais uma vez. "Que festa seria essa, hein? Que a sorte da lucidez nos acompanhe até lá", finalizou o ator.

ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO/DIVULGAÇÃO/JC



"Envelhecer lúcido é poder ter a experiência humana completa", celebra o ator

fique ligado

Natália do Vale e Herson Capri em comédia romântica

Celebrando 50 anos de carreira, Natália do Vale e Herson Capri protagonizam o espetáculo *A sabedoria dos pais*, com texto e direção de Miguel Falabella, em curta temporada no Teatro Amrighs (Ipiranga, 5.311). As sessões acontecem nesta sexta-feira e no sábado, às 20h, e no domingo, às 19h. A comédia romântica, escrita especialmente para a dupla de atores, conta a história de um casal que,

após 35 anos de casamento, decide se separar e redescobrir novos caminhos para a vida e para o amor. As entradas custam entre R\$ 60,00 e R\$ 160,00 e estão à venda pelo site Disk Ingressos.

Este é o terceiro trabalho de Natália ao lado de Capri. A atriz, que estava afastada dos palcos há 23 anos, estreou em 1975 na Rede Globo em Gabriela, passando por personagens marcantes em outras diver-

sas novelas. No teatro, brilhou em *A partilha* (1991), também de Falabella, que ficou seis anos em cartaz. Capri entrou para a televisão também em 1975, destacando-se a partir da década de 1990, interpretando galãs e vilões charmosos em diversas produções da TV Globo. No teatro, esteve em cena em mais de 30 montagens, e também atuou como diretor em algumas produções.



NANA MORAES/DIVULGAÇÃO/JC

Peça *A Sabedoria dos Pais* cumpre curta temporada neste feriado de Páscoa no Teatro da Amrighs

Três décadas de danças icônicas

O Teatro Fiergs (Assis Brasil, 8.787) recebe nesta sexta-feira, às 20h30min, e no sábado, às 20h, a estreia mundial do espetáculo *Remix*, da Companhia de Dança Deborah Colker. A nova montagem do grupo reúne cenas icônicas extraídas de obras anteriores como *Vulcão* (1994), *Rota* (1997), *4x4* (2002)

e *Belle* (2014), incluindo elementos como vasos suspensos e uma roda gigante. As entradas custam entre R\$ 100,00 e R\$ 230,00 e estão à venda pela plataforma Disk Ingressos.

Contando com dois atos (separados por um intervalo), a produção é, até agora, a mais ousada já realizada pela Companhia

para os palcos de teatro, com toneladas de equipamentos, muitas pessoas envolvidas e uma grande estrutura de montagem. Após a minitemporada em Porto Alegre, *Remix* será apresentado no dia 8 de abril, em Novo Hamburgo (Teatro Feevale), e nos dias 11 e 12, em Santa Maria (Centro de Convenções UFSM).

Domingo de páscoa em ambiente tradicionalista

Neste domingo, o Rancho Tabacaray (Vicente Monteggia, 2.770) realiza uma edição especial do evento Domingo de Fogo de Chão, reunindo gastronomia, lazer e programação cultural em meio à natureza, a partir das 11h. Os ingressos estão à venda pela

plataforma Sympla.

Entre a programação ao longo do dia, os pequenos poderão participar de atividades como maquiagem temática, caça às cenouras e a tradicional aparição do Coelho. O roteiro inclui ainda brincadeiras retrô adaptadas à Páscoa,

como corrida do saco, trava na pose, boca do coelho e um pega-pega temático. Já para os adultos, a atração é o show do Paysanos Trio, que apresenta uma releitura contemporânea da música regional sul-americana, mesclando influências do jazz, rock e MPB.

Agenda cheia de música no Grezz

A primeira semana de abril começa com uma agenda repleta de atrações musicais no espaço cultural Grezz (rua Almirante Barroso, 328), com ingressos disponíveis pela plataforma Sympla. Nesta quinta-feira, às 21h, estará no local a banda uruguaia La Máquina a Vapor, apresentando um show de blues que combina música e artes visuais. Os ingressos custam a partir de R\$ 17,50.

A casa segue com progra-

mação na sexta-feira, às 21h, com um espetáculo da banda gaúcha The Songbirds percorrendo diferentes fases e atmosferas do repertório do grupo inglês Oasis. Os ingressos custam entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00. Já às 21h de sábado, quem sobe ao palco do Grezz é a cantora Stephanie Lii, com releituras de canções imortalizadas nas vozes de Elis Regina, Gal Costa, Adele, Madonna e Celine Dion, entre outras. Ingressos a partir de R\$ 20,00.

Curtindo o pagode do Sorriso Maroto

O grupo Sorriso Maroto se apresenta no megacomplexo Fly 51 (Augusto Severo, 797), neste sábado, durante o evento *Isso é Pagode*, que inicia às 14h e se estende até o começo da madrugada. Os ingressos custam a partir de R\$ 70,00 e estão à venda no site Ingresso Nacional.

Somando 25 anos de carreira, a banda formada por Bruno

Cardoso (voz), Cris Oliveira (percussão e vocal), Sergio Jr (violão e vocal), Vinícius Augusto (teclado e vocal) e Fred (percussão) promete apresentar suas canções mais recentes como *Ela*, faixa do álbum *Sorriso eu gosto - no pagode e 80 anos*, além de músicas que encantam os fãs como *Sinais*, *50 Vezes*, *Eu Topo*, entre outros sucessos.

John Malkovich no Multipalco

Montagem internacionalmente aclamada pelo público, o espetáculo *The infamous Ramirez Hoffman*, estrelado pelo ator norte-americano John Malkovich, é a atração desta sexta-feira no palco do Teatro Simões Lopes Neto do Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). A produção, que combina teatro, literatura e música ao vivo, terá sessão única às 20h, como parte das comemorações do primeiro ano de aniversário do Teatro. Os ingressos estão esgotados.

Baseado no romance *Litera-*

tura Nazi nas Américas, do escritor chileno Roberto Bolaño, *The Infamous Ramirez Hoffman* parte da trajetória ficcional de Carlos Ramirez Hoffman, personagem ambíguo que emerge no Chile dos anos 1970 como poeta, aviador e figura ligada à extrema-direita. Assinada pelo ator ao lado da pianista Anastasya Terenkova, a criação une a narrativa com uma trilha sonora que percorre diferentes períodos e estilos, atravessando o tango, o barroco, a música de vanguarda e a música contemporânea.

MAURICE HAAS E LADA VESNA/DIVULGAÇÃO/JC



Ator conduz *The Infamous Ramirez Hoffman* ao lado de Anastasya Terenkova

reportagem cultural

Dos bares de Porto Alegre ao estrelato nacional

Juarez Fonseca*

De 1986 a 1988, Adriana fez nove shows em Porto Alegre, sempre com direção de Luciano Alabarse. Em 1987 foi assistida por Rita Lee, que a convidou para fazer uma performance em seu show no Gigantinho. Durante a música *Miss Brasil 2000*, entra no palco com uma capa e a abre por segundos: estava nua. Apenas um fotógrafo captou a cena (foto nunca publicada). E ela foi alvo da crítica dos moralistas e caretas de sempre. “Quer aparecer”, diziam.

Nos shows, conviviam música, teatro, dança, quase sempre com participações de artistas da cidade, como Izabel Ibias, Zé Adão Barbosa, Renato Campão, Ivan Mattos, Eliane Steinmetz, Ricardo Severo, Valéria Venturini, o mano Cláudio Calcanhoto. Depois de assistir ao show *Outubro ou Nada*, em outubro de 1987, este repórter comentou: “Luciano Alabarse tem a sorte de ter Adriana para realizar ideias, e vice-versa”.

Ao fim de 1988, ano que se encerrou com o show *Batom*, novo comentário: “Adriana Calcanhoto está se tornando uma grande nova intérprete da música brasileira. Vai longe, não tenho dúvida, porque a estrada está escancarada e ela sabe. (...) Já há propostas para a gravação do disco, alguma sérias e outras grotescas, como a do produtor que a recebeu de cuecas no quarto de

um hotel em São Paulo”.

Suas primeiras experiências ‘externas’ aconteceram no Espaço Off e no Madame Satã, em São Paulo, estimuladas pela cantora Cida Moreyra. Mas a verdadeira (e definitiva) mudança de ares deu-se bem no início de 1989: mais uma nova fã, a atriz Maria Lúcia Dahl, abriu para ela as portas da casa noturna carioca *Mistura Up* para três apresentações, que, pelo sucesso, logo se transformariam em uma temporada.

Maria Lúcia convidou amigos ilustres, mobilizou a imprensa. No show, sempre com seu violão (cada vez melhor), Adriana dividia o palco com três músicos gaúchos que viviam no Rio, Gastão Villeroy, Xandy Santin e Kesso Fernandes. O *Jornal do Brasil* repercutiu, com uma elogiosa crítica. Título sobre a foto: “Talento à Pampa”. No mesmo jornal, Tárík de Souza também sublinharia a chegada forte de uma nova voz à MPB.

(Na chegada ao Rio Adriana tinha ainda o apoio de quem? Luciano Alabarse, fazendo a iluminação dos shows. Depois iriam cada um lado para o seu lado, mas nestes 40 anos nunca deixaram de comunicar-se. Entre outras coisas, foi ele o responsável pela estreia brasileira do espetáculo *Complexo B*, apresen-

tado como o epílogo do 32º Porto Alegre em Cena.)

Voltando um pouco à temporada no *Mistura Up*, outro texto deste repórter, em 11 de março, com o título de “Adriana e a conquista do Rio”, menciona as presenças de nomes como Betty Faria, Sandra de Sá, Eduardo Dusek, Marisa Monte, Nelson Motta e tantos mais, assim como olheiros das gravadoras, para assistir à “estranha gaúcha”. Ela nunca mais seria a mesma. Voltaria a Porto Alegre apenas para tratar da mudança.

Naquele ano de 1989, sairia em Porto Alegre, pelo selo Brasil 2000, o LP *Geração Pop*, com Pedro Guisso, Marcelo Truda, Duca

Leindecker, grupo Canto Livre e ela, que deixara duas faixas gravadas: *Suspeito* (Arrigo Barnabé) e *Viu?* (dela). Também assinaria contrato com a CBS (mais tarde Sony) para a produção do disco

Enguiço. Ali começaria a entrar de verdade no universo da MPB, a abrir o leque de interpretações pessoais de grandes nomes, lançaria duas canções suas.

(Naquele ano de 1989 também conheceria a cineasta Suzana de Moraes, filha de Vinícius – que seria sua companheira até à morte, em 2015.)

Mas se dependesse dos crí-

tics da revista *Veja*, do jornal *O Globo* e da *Folha de S. Paulo*, depois de ouvirem o disco, ela poderia voltar para Porto Alegre no primeiro voo, pois não tinha qualquer futuro como cantora. “Interpretação vocal histriônica, audição constrangedora, brega”, escreveu um. “Como cantora, é um desastre (...), o disco corre o risco de enguiçar nas prateleiras”, afirmou o outro.

E o terceiro (por coincidência gaúcho) acaba com ela já no título: “Calcanhoto profana memória de Elis Regina”. Expondo mau humor em todo o comentário, e insistindo na impropriedade comparação com Elis, o cara anota: “Pena que, ao contrário de Elis, não sabe cantar, tenha voz horrenda e padrinhos burros”. Um desses “padrinhos burros” era Luis Fernando Verissimo, autor de um texto no material de divulgação.

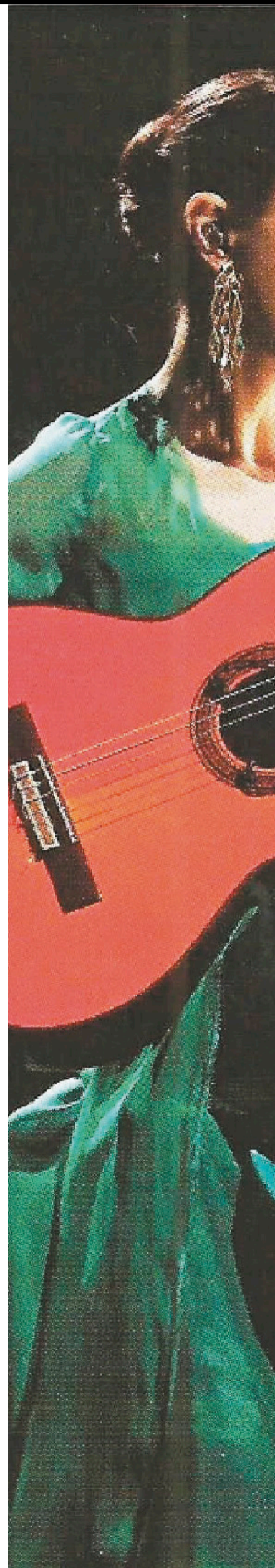
Quase 40 anos depois, seria interessante saber como tais críticos leriam seus prognósticos sobre uma artista que estava apenas começando, ante a dimensão adquirida pela cantora, compositora, poeta, grande nome da música brasileira, mestra e Embaixadora da Universidade de Coimbra.

A relação detalhada dos discos de Adriana (com parte de sua história) está na Wikipedia e em outros espaços na internet, onde todos podem ser ouvidos e se pode saber sobre os tantos parceiros e compositores gravados por ela, de Roberto Carlos a Caetano Veloso, de Dorival Caymmi a Amy Winehouse. Detalhe: no quarto disco, *Maritmo*, ela passa a usar Calcanhoto, com esses dois “t”. Também passa a escrever, nos encartes, todas as letras das músicas, com sua caligrafia perfeita. A mesma caligrafia que percorre o livro *Algumas Letras*, lançado em 2003 pela editora portuguesa Quasi.

Depois de 47 letras dela, o livro reúne textos de jornalistas e intelectuais portugueses e brasileiros, como Verissimo, Tárík de Souza e dois de seus parceiros musicais, Waly Salomão e Antônio Cícero. Antes, reproduz texto sobre ela mesma, publicado em 1996 na coluna Auto-Retrato do *Jornal do Brasil*. Começa assim: “Sou do Rio Grande. Não tenho medo de nada. Amo o Rio de Janeiro. Gente careta me esnoba...”



Longe de ser um fenômeno do passado, cantora gaúcha acumula números significativos nas plataformas digitais



LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO/JC



Adriana Calcanhotto, em registro de 2014

'Não sei se vou ficar cantando pelo resto da vida'

Trechos não usados acima de duas entrevistas feitas com intervalo de 30 anos. Em 1996 (no Rio, para Zero Hora) e 2026 (em Porto Alegre, para o Jornal do Comércio). Aqui, estão embaralhadas. Vale assinalar que nesse 'intervalo' Adriana se tornaria conhecida nos EUA e na Europa. E que, depois de abrir os 19 shows da turnê europeia de Gilberto Gil em 2021, foi a convidada dele para o show em Porto Alegre da turnê de despedida Tempo Rei, em setembro de 2025 no Beira-Rio.

“Em minha adolescência, tinha uma ala de amigos, que gostava de música brasileira, e outra, mais perto de meu irmão Cláudio, de rock progressivo. Tive um namorado que adorava Pink Floyd, mas eu não gostava. Fiquei louca com o Caetano, com Gil, com Bethânia. Tinha uns 14 anos.”

“Um dia, com uns amigos, fomos parar em um bar da Cidade Baixa onde tocavam Plauto Cruz e João Pernambuco, e com eles se apresentava uma cantora chamada Lara Lemos. Enlouqueci. Para mim, era apenas o máximo uma pessoa ganhar a vida cantando de noite e dormindo de manhã.”

“Na noite conheci muita gente, e como já tocava violão, que ganhei de minha avó aos seis anos, forcei a coragem e comecei a cantar em público. Depois eu queria ser a cantora do bar Peccados Mortaes, porque era o lugar em que o Nelson Coelho de Castro aparecia de vez em quando - e quando ele aparecia eu quase desmaiava. Nunca falei com ele, não tinha coragem.”

“No final de 1987 fiz *Outubro ou Nada*, ousado, diferente dos outros shows e que teve uma coisa superimportante para mim, que foi o teu aval, a tua crítica, com um título maravilhoso, 'Adrianas vão surpreender você'. Pensei: pô, então não tô doida!”

“Mesmo com tantos shows em Porto Alegre, comecei a achar que a história não estava dando muito certo, pois era tudo difícil de conseguir, eu quase pagava pra trabalhar, me deu um desânimo. Foi quan-



ACERVO PESSOAL ADRIANA CALCANHOTTO/REPRODUÇÃO/JC

do conheci Maria Lúcia Dahl, que chegou na cidade com uma peça de teatro, e depois abriu espaço para mim no Mistura Up, no Rio. E foi um absurdo, um sucesso. Mas fui para o Rio considerando que seria uma última tentativa.”

“No início eu ainda estava muito interessada nessa coisa da performance. Depois fui amadurecendo a composição. Comecei a ler muita poesia, a estudar poesia, ler sobre poesia, e fui tomando gosto. No primeiro disco só tem duas músicas minhas. Quando parei para fazer o segundo, já veio uma safra. Muitas pessoas me estimularam a compor. E eu tinha também o exemplo de Marisa Monte, que no segundo disco já cantava músicas dela, com arranjos que não se pareciam com nada. Aquilo, me estimulou. Liguei pra ela pra falar do disco. Na mesma época conheci a Bebel Gilberto. Foram várias circunstâncias.”

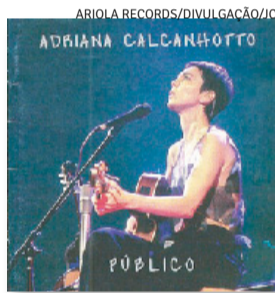
“Meu segundo disco tem seis faixas com música e letra minhas. Uma delas é *Esquadros*. As pessoas da gravadora me disseram que uma música com esse título nunca iria tocar... Mas é que eu não fazia pra tocar, eu fazia por fazer. Estava inte-

ressada nisso, não em ficar famosa. O Nei Lisboa, por exemplo, não fazia música pra tocar, fazia por fazer. E *Esquadros* foi um sucesso. Logo depois viajei pra Nova York com Waly Salomão e Antônio Cícero, comecei a andar mais com eles, e aí vem *A Fábrica do Poema*.”

“No ano passado [1995] eu fiz 170 shows, muitos sem vontade, e isso quebrou um tipo de convivência que eu tinha com o palco, uma coisa que adoro. Vi que sei fazer shows sem vontade, mas não acho honesto, nem comigo nem com o público. Não quero mais fazer isso.”

“As pessoas falam dessa história de estrela, a gravadora também, e estive a um passo de encarnar, de acreditar nisso. Mas não me sinto assim, não sei se vou ficar cantando pelo resto da vida, uma dúvida que eu já tinha em Porto Alegre.”

“Acho um privilégio viver no Rio. Tem lá suas chateações, a cidade é violenta, a gente fica com medo, anda com o vidro do carro fechado.



ARIOLA RECORDS/DIVULGAÇÃO/JC

ADRIANA CALCANHOTTO PÚBLICO

Mas as pessoas são generosas, alegres. Os cariocas me ensinaram muito sobre a alegria.”

“Um dos principais problemas do País é a educação.

Educação não significa só alfabetização, é saber comer alimentos saudáveis, não jogar sujeira na rua, não furar o sinal de trânsito. Conheço analfabetos que são educadíssimos.”

“Em 2015, me convidaram para fazer uma residência na Universidade de Coimbra, dando aulas. Falei: mas eu quero é estudar, não sou professor, nunca dei aula... En-



JUAREZ FONSECA/ESPECIAL/JC

Ao lado de Luciano Alabarse, amigo e parceiro nos primeiros espetáculos em Porto Alegre

fim, foi incrível, porque sou de uma família de professores, minha avó, minha mãe, minha tia. Topei. No primeiro ano seriam *masterclasses* sobre composição musical, falando da história desde a Grécia, dos fundamentos da canção. Também me dei conta de que ensinar é estudar. Depois me pediram para dar um curso sobre como escrever canções. Fiquei conhecendo muitos professores, é uma gente muito especial.”

“No ano passado [2025] me lembraram que era embaixadora da Universidade, só que estava muito centrada na Faculdade de Letras. Mas é que essa faculdade tem a música, tem arqueologia, os estudos clássicos. Daí me pediram para entrar nessa coisa da ciência da computação e a influência na composição. Estudei pra isso. Agora vou começar a colaboração com outros departamentos.”

“Quando estou em Coimbra sempre recebo muitos livros, principalmente de poetas, assim fiquei conhecendo, por exemplo, Alexandre O’Neil, Jane de Andrade... A poesia faz parte do cotidiano deles. Levei um tempo para entender esse mecanismo, e aí passei a viajar com uma mala vazia, porque ela volta cheia de livros.”



BRENO BAUER/ARQUIVO/JC

Participação especial de Adriana Calcanhotto no show da última turnê de Gilberto Gil, em 2025, no Estádio Beira-Rio



Juarez Fonseca é jornalista cultural há 50 anos. Autor dos livros *Gildo de Freitas, o Rei dos Trovadores*; *Ora Bolas - O humor de Mario Quintana*; e *Aquarela Brasileira* (volumes 1 e 2)

nas telas



02 PLAY/DIVULGAÇÃO/JC

Barba Enopada de Sangue leva aos cinemas obra literária de Daniel Galera

Segredos de família à beira do mar

Thriller baseado no best-seller escrito por Daniel Galera, *Barba Enopada de Sangue*, de Aly Muritiba (*Deserto Particular, Cangaço Novo*), um professor de natação que, após a morte do pai, retorna à antiga casa da família em uma vila à beira-mar para um reencontro com suas origens. O que ele acaba encon-

trando são versões contraditórias a respeito da figura misteriosa de seu avô, um esqueleto de baleia e uma cidade que quer enterrar seu passado a qualquer custo. Com forte carga de suspense psicológico, o longa traz uma observação complexa sobre identidade e memória, enfatizando a chegada do protagonista à cidade e os enigmas que a cercam.

Estreia de Kristen Stewart na direção

Primeiro longa-metragem dirigido por Kristen Stewart, *A Cronologia da Água* é baseado no livro de memórias de Lidia Yuknavitch, e vem recebendo elogios internacionais tanto pela condução da diretora, quanto pela atuação de Imogen Poots no papel principal. O longa acompanha a vida de Lidia, da infância marcada por violência e silêncios familiares à vida adulta atravessada por vícios, perdas e uma relação conflituosa

com o próprio corpo. Ao longo desse percurso, é na escrita, na arte e na possibilidade de recontar a própria história que ela encontra uma forma de sobrevivência e reconstrução. Com uma abordagem fragmentada, sensorial e íntima, o filme se afasta do modelo convencional da cinebiografia para construir um retrato físico e emocional de uma mulher em permanente disputa com sua memória, seu desejo e sua voz.

Momentos decisivos da jornada de Cristo

Dirigido por Mauro Borrelli, *A Última Ceia* chega aos cinemas neste feriado de Páscoa para uma jornada cinematográfica pelos momentos mais decisivos da vida de Cristo. Mergulhando em um dos momentos mais marcantes da humanidade, o longa acompanha Jesus (Jamie Ward) durante os eventos que antecederam a traição de Judas para revelar o lado mais

humano desse episódio sagrado, apresentando as tensões, os afetos e os conflitos que marcaram aquele encontro único entre Jesus e seus discípulos. Desta forma, o momento de comunhão em que o Cristo divide seu corpo e sangue é retratado não apenas como um marco da fé, mas como um dos momentos mais profundos e tocantes da história da humanidade.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Figura geométrica de lados desiguais	Inferno (?), fase que antecede o aniversário	Maneira de viver do ocioso	(?) Terrier, raça escocesa de cães
Clássico da culinária britânica	Adjunto (?), termo acessório da oração	País dos Balcãs de capital Pristina	
O criador do Drácula (Lit.)			
			Prática antiética para subir na vida
O dedo médio (fam.)	Tipo de ataque a Vini Jr. na Espanha		
Bronzear, em inglês		Novela de Eça de Queiroz (Lit.)	Ferro, em inglês
Estilo de capoeira difundido por Mestre Pastinha			
Destinação original do Taj Mahal		O pH menor que 7	
		Cliente de prestígio	
	Nativo polinésio da Nova Zelândia		
	"Eu Disse a (?)", sucesso do Skank		
Cidade colombiana rodeada pelos Andes		Pontuação máxima das agências de risco financeiro	
Elemento gramatical		Letra que recebe o til, no espanhol	
O mundo oposto ao onírico			Fato descrito em epopeias
República insular europeia			
A conduta apreciada no fair play	Notificação de acidente de trabalho (sigla)	Monte (?), ponto mais alto das Filipinas	
	Abreviatura inglesa de "mistress"		
	Baralho usado na leitura da sorte		Ave que canta no crepúsculo
Parte do teatro abaixo da frisa			Santo do pau (?): sonso
Editores (abrev.)	Olhei com simpatia e respeito		Cabeça de gado
Requinte; elegância			
		Fórmula básica do ritual da benzedeira	
Fuga dos hebreus do Egito (Bíblia)		O metabolismo do corpo em repouso	

BANCO 3/apo — mrs — tan. 4/iron — meda — west. 5/maori — saíra. 7

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução

L	V	S	V	B	A	R	O	D	O	X
A	Z	E	R	V	R	O	N	I	F	
I	R	E	M	A	D	E	E			
O	O	A	V	A	T	A	P	L	E	
S	R	S	M	R	A	T	L	E		
O	P	A	V				C	V		
M	N	I	A	N	L	A	S	I		
S	I	N	A	N	A	L	R	E		
N	O	S	A	M	A	N	O	F		
I	R	O	V	A	L	I	T	C		
L	P	I	O	L	O	W	T			
L	O	V	L	A	U	O	G	N		
V	A	S	V	R	A	N	T			
S	O	D	O	T	E	D	I	P		
K	E	R	M	S	T	O	B			
W			A	V			T			

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Você terá energia e disposição para cuidar das questões de trabalho e da vida doméstica, superando problemas e chegando a bons resultados. Lide de frente com os problemas.

Touro: As boas relações de amizade, a facilidade de comunicação e o contato humano tornam o dia movimentado e interessante. Facilidade para colocar ideias e planos em prática.

Gêmeos: A atividade profissional, em seu aspecto intelectual e mental, está bastante favorecida. Boas ideias irão reorganizar o trabalho, inclusive permitindo superar obstáculos.

Câncer: O bom aspecto do dia estimula as viagens, as aventuras e toda atividade que o coloque em contato com novos horizontes. Muita energia física e mental para as empreitadas.

Leão: O bom aspecto estimula os empreendimentos profissionais e as conquistas materiais. As melhores realizações utilizam o sentido estratégico e a habilidade de negociação.

Virgem: As relações humanas navegam de vento em popa. As viagens também, assim como os estudos e as atividades culturais. Um dia de muita movimentação para você.

Libra: Dia favorável para atividades e trabalhos de rotina, e para os empreendimentos mais ousados, inclusive aqueles que contem com a participação e o apoio de outras pessoas.

Escorpião: Os planos com a pessoa amada podem ser bem sucedidos. Dia de entendimento quase perfeito. As ações em parceria resultam em conquistas que beneficiem a ambos.

Sagitário: Um dia movimentado junto ao lar e nos negócios. O convívio com o ambiente familiar está particularmente beneficiado. Belas melhorias podem ser feitas em sua casa.

Capricórnio: Momento para muita movimentação e diversão. O dia é bastante positivo para as viagens e atividades de lazer, especialmente aquelas que levem as pessoas queridas junto.

Aquário: Um dia de muita atividade e dinâmica. O bom aspecto de Mercúrio favorece os negócios, o comércio e a produtividade em geral. O conforto material também está favorecido.

Peixes: O dia favorece a comunicação e a expressão amorosa. O bom aspecto de hoje aponta para o convívio afetivo e as experiências criativas, intelectuais e artísticas.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

O amor e suas consequências fatais

Terra Partida (Editora Intrínseca, 320 pág, R\$ 59,90), de Clare Leslie Hall, jornalista e escritora britânica *best-seller* do *The New York Times*, é seu primeiro livro publicado no Brasil. Com o nome Clare Empson, ela publicou dois *thrillers* no Reino Unido e na Alemanha.

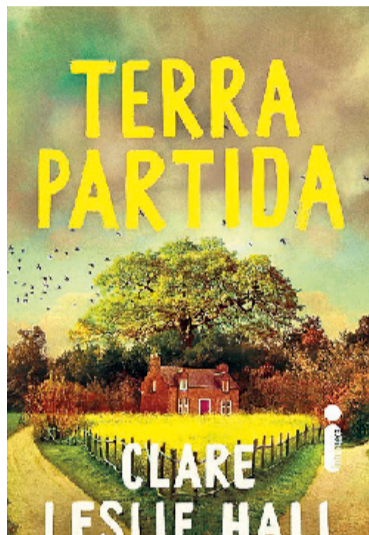
Com adaptação prevista para o cinema em andamento, *Terra Partida* é uma história avassaladora sobre amor que leva a consequências fatais. A obra foi publicada em março de 2025 nos Estados Unidos e está sendo considerada um dos grandes lançamentos do ano. Agora o leitor brasileiro tem acesso a ela.

A narrativa é ambientada nas décadas de 1960 e 1970 e tem como centro um casal que tenta se recuperar de um trauma devastador, levando uma rotina pacata em sua fazenda no inte-

rior da Inglaterra. No entanto, o retorno de uma figura do passado vai abalar as frágeis estruturas da família e provocar rompimentos inimagináveis.

Beth vivia dias tranquilos ao lado do marido, Frank, e do cunhado, Jimmy, na fazenda. Casamento feliz, boa relação com a terra. A superfície aparentemente sólida esconde uma rachadura irreparável: a perda do filho, Bobby, morto em um trágico acidente sobre o qual o casal mantém silêncio.

Quando Jimmy atira num cachorro que invadiu a propriedade e atacou seus cordeiros, um golpe do destino atinge a família. O cachorro era de Gabriel Wolfe, o primeiro amor de Beth. Ela deixou seu coração em pedaços uma década antes. Gabriel é um escritor de sucesso, de volta à cidade, divorciado, junto com o filho, o



pequeno Leo. Beth sente-se culpada pela morte do cão, aproxima-se do menino, que lembra seu filho falecido. E aí aproxima-se também de Gabriel. Muita coisa vai acontecer envolvendo os quatro adultos e o menino Leo.

e palavras...

MENINOS, HOMENS E A CRISE MASCULINA MODERNA

Nestas últimas décadas, em tempo de pós-feminismo, entre outros movimentos históricos e transformações sociais, muito se tem falado sobre identidade do homem, crise masculina moderna e caminhos privados e públicos que as novas situações requerem.

Sobre meninos e homens (Avis Rara - Faro Editorial, 272 páginas, R\$ 79,90, tradução de Fábio Alberti), de Richard V. Reeves, influente intelectual público e autor, focado em desigualdades sociais e como combatê-las, explica por que a nova geração masculina está ficando para trás e que esta é uma questão que decididamente deve ser enfrentada. Reeves é pai de três filhos, jornalista, ex-Brookings Institution e atual presidente do American Institute for Boys and Men.

Meninos têm sido 50% mais reprovados em matemática, ciências e leitura. No Reino Unido, o suicídio é a principal causa da morte de homens com menos de 45 anos. Esses e outros fatos mostram uma crise instalada no universo masculino: meninos e homens estão em desvantagem em educação, trabalho, saúde mental e família. Para o autor isso tudo resulta de mudanças econômicas, sociais e institucionais profundas que não acompanharam o ritmo masculino.

Reeves comenta que a vida das mulheres avançou significativamente nas últimas décadas, enquanto que a de muitos homens estagnou ou piorou. Políticos de esquerda e direita, presos em disputas ideológicas, falham em oferecer respostas práticas. Para Reeves a sensação de desconforto masculino não é resultado de um colapso psicológico

em massa, mas de desafios estruturais mais complexos.

O autor examina a questão da educação masculina, da masculinidade "tóxica", dos impasses políticos, de pensão e guarda de filhos e refere também que mesmo as feministas mais radicais admitem que as meninas estão em melhor situação que os meninos. O autor fala de *redshirting* para os meninos, ou seja, colocá-los um pouco mais tarde na escola, em torno de um ano a mais de espera.

Reeves aponta que muitos meninos e homens perderam espaço na sala de aula, no trabalho e na família. Reeves aponta as atitudes, instituições e leis que falharam em acompanhar o ritmo para o público masculino. Reeves examina os obstáculos estruturais que meninos e homens enfrentam e apresenta soluções novas e criativas que viram a página da narrativa corrosiva que tem afetado essa questão. O livro argumenta que ajudar a outra metade da sociedade não significa desistir do ideal de igualdade de gênero. Ao contrário, a fortalece.

Reeves cobra liderança responsável sobre o assunto. Aponta que pais e mães se preocupam com seus filhos, os líderes estão presos a posições partidárias. Os progressistas veem qualquer iniciativa para ajudar os homens e os meninos como manobra para desviar das lutas femininas. Os conservadores veem as mudanças para ajudar as meninas e mulheres como um movimento para inferiorizar os homens. Reeves tem esperança de que se chegue a um consenso sobre o fato de que muitos dos meninos e homens estão realmente em apuros, sem terem culpa disso, e necessitam de ajuda.

Lançamentos



► **Onde o sol se põe** (Viapampa, 306 pág), segundo livro do escritor e jornalista Ricardo Peró Job, com narrativa fluente e envolvente, traz a estória de uma família fronteiriça, envolvendo diversas épocas e acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul. "Ricardo desvenda a textura da alma humana, com suas fraquezas e feridas, com seus valores e suas mazelas", disse Colmar Duarte na apresentação.

Walter Riso Os 7 pilares do amor-próprio

Como ter uma relação profunda e enriquecedora consigo mesmo

► **Os 7 pilares do amor-próprio** (L&PM Editores, 248 pág, R\$ 64,90), do consagrado escritor, professor universitário e psicólogo Walter Riso, mostra com clareza e objetividade como ter uma relação profunda e enriquecedora consigo mesmo. Amor-próprio, autoaceitação, tratar a si próprio com gentileza, estabelecer limites e libertar-se de apegos e dependências estão na obra.



► **Todas as filhas de Deus precisam de bons sapatos para a estrada** (Pallas Editora, 288 pág), quinto livro de Maya Angelou, norte-americana, cantora, dançarina, atriz, escritora, roteirista e produtora de teatro, TV e cinema, traz relato pungente do período que viveu em Gana, nos anos 1960. Negra, mãe, americana e estrangeira, mesmo assim teve problemas em solo africano.

a propósito...

Claro que as ideias de Reeves podem ser polêmicas, e podem não ser aplicáveis a todos os lugares do planeta. O certo é que ele toca em alguns pontos cruciais e essenciais de uma crise de identidade masculina que é global e que merece atenção. Interesses partidários e ideológicos devem ficar de fora, isso é certo. Buscar

equilíbrio e estar atento ao que está acontecendo é que é obrigação das famílias, das instituições de ensino, da mídia e das autoridades privadas e públicas competentes. É preciso cuidar de todos, com pluralidade, democracia verdadeira e igualdade. O coletivo ficará bem melhor.

(Jaime Cimenti)

pensando cultura

Quem mais lê no Brasil: pretos e pardos lideram consumo de livros em 2025



FABIOLA CORREA/JC

Houve crescimento de 3 milhões de novos consumidores de livros no espaço de um ano no mercado brasileiro, segundo pesquisa da CBL em parceria com a Nielsen BookData

O consumo de livros impressos e digitais avançou no Brasil em 2025 e alcançou 18% da população com 18 anos ou mais, o que representa cerca de 3 milhões de novos compradores em relação ao ano anterior. Os dados são da pesquisa Panorama do Consumo de Livros, da Câmara Brasileira do Livro (CBL) em parceria com a Nielsen BookData.

Além do crescimento, o estudo detalha mudanças no perfil de quem lê no País. Pessoas pretas e pardas representam, juntas, 49% dos consumidores de livros. Entre as mulheres, pretas e pardas concentram 30% do total e correspondem à metade das consumidoras. Dentro desse grupo, mulheres pretas e pardas de renda média formam o maior contingente.

“O crescimento de 3 milhões de novos consumidores em um único ano mostra que o livro mantém sua relevância e que há espaço consistente para a expansão do mercado editorial brasileiro”, afirma Sevani Matos, presidente da CBL.

O levantamento indica que as mulheres são maioria entre os leitores: 61% do total, contra 39% de homens. Em termos proporcionais, 21% das mulheres compraram livros nos últimos 12 meses, frente a 14% dos homens.

O avanço foi mais intenso

entre os mais jovens. As faixas de 18 a 34 anos cresceram, juntas, 3,4 pontos percentuais, com destaque para o grupo de 25 a 34 anos, que concentra uma das maiores participações no consumo.

“Enquanto em 2024, 16% da população brasileira era consumidora de livro, em 2025 a gente passa para 18% da população. A gente tem um aumento de dois pontos percentuais, mas a gente põe para dentro do mercado 3 milhões de novos consumidores”, ressalta Mariana Bueno, coordenadora de pesquisas econômicas e setoriais da Nielsen BookData.

O estudo também mostra diferenças regionais. O Sudeste reúne a maior parcela de consumidores de livros no País, seguido pelo Nordeste. As duas regiões também lideram entre os compradores que utilizam redes sociais como canal de compra, concentrando 38% e 31% desse público, respectivamente.

O ambiente digital aparece como elemento central no comportamento do leitor. Mais da metade dos consumidores (56%) afirma realizar compras por meio das redes sociais.

Entre as plataformas, o WhatsApp lidera com 73% de uso entre leitores, seguido por Instagram (63,2%) e TikTok (20,4%). Facebook (14,2%), Kwai (8%) e X

(5,8%) aparecem na sequência.

O uso varia conforme o perfil: o TikTok tem maior presença entre jovens, especialmente mulheres de 18 a 24 anos, enquanto o Facebook é mais frequente entre consumidores mais velhos.

O interesse por lançamentos também é expressivo: 70% dos consumidores afirmam acompanhar novidades. Os principais canais de descoberta são sites de compras (34%), indicações de pessoas próximas (30%), livrarias (24%) e criadores de conteúdo (22%).

Entre os gêneros, a ficção - especialmente títulos voltados ao público jovem adulto - teve papel relevante no crescimento do consumo, em sintonia com o avanço das comunidades digitais de leitura. Em 2025, *O Segredo Final*, de Dan Brown, foi o livro de ficção mais vendido do País.

Os livros de colorir também se destacam: 7,1% da população adulta, cerca de 11 milhões de pessoas, compraram ao menos um exemplar em 2025, o que representa 40% dos consumidores de livros. Nessa categoria, *Do dia para a noite*, de Bobbie Goods, liderou as vendas no Brasil.

“A gente sabe que o livro de colorir tem um peso grande aqui, mas a gente também sabe pelos dados do varejo, que a categoria fixa também impulsiona esse

crescimento, muito puxada pela categoria chamada Young Adult”, diz Mariana.

O comportamento de compra é dividido entre canais. Na última aquisição de livro impresso, 53% dos consumidores compraram online e, 47%, presencialmente.

Mesmo com o avanço digital, as livrarias mantêm relevância simbólica e prática: 53% dos consumidores as veem como espaços para relaxar e explorar, enquanto 46% associam o ambiente à conexão com cultura e conhecimento.

Entre os pontos de venda físicos, a livraria Leitura aparece como a mais citada pelos consumidores, seguida por livrarias de bairro e Nobel.

Para a CBL, o cenário reforça o papel do livro como experiência cultural e aponta a necessidade de fortalecer políticas de acesso e incentivo à leitura.

Apesar do crescimento, os livros seguem atrás de outras categorias de consumo. Roupas lideram (55%), seguidas por celular (27%) e ingressos de cinema (21%). Os livros aparecem com 18%, indicando espaço para expansão dentro do consumo cultural.

Apesar do crescimento no número de compradores, a maioria dos brasileiros não adquiriu livros no período analisado. Entre os que não compram livros, os

principais motivos apontados são falta de interesse pela leitura, preferência por outras formas de entretenimento e questões relacionadas ao custo.

O estudo também indica barreiras ligadas ao hábito: parte dos entrevistados afirma não ter o costume de ler ou não encontrar títulos que despertem interesse.

Os dados mostram ainda que o distanciamento do consumo de livros não está ligado a um único fator, mas a uma combinação de acesso, repertório e engajamento. Para o setor editorial, o desafio passa por ampliar o alcance e criar estratégias que aproximem novos públicos da leitura.

A pesquisa ouviu 16 mil pessoas com 18 anos ou mais em todas as regiões do País e diferentes perfis socioeconômicos. O levantamento foi realizado entre 13 e 19 de outubro de 2025, com margem de erro de 0,8 ponto porcentual e nível de confiança de 95%.

“Para ser considerado um consumidor de livro, essa pessoa precisa ter comprado ao menos um exemplar nos últimos 12 meses. A gente sabe que o livro tem um apelo, normalmente quando a gente fala de livro as pessoas se sentem mais inteligentes, então, essas pessoas quando respondem a essa pesquisa, elas não sabem exatamente por que elas estão respondendo”, explica Mariana.